



www.delfimsantos.org

# Um mestre e um pensador

## Antero de Miranda Mendes (1981)

*O Instante e a Duração*, Porto: ed. do Autor, 1981, 197-200.

Há anos morreu subitamente, em Cascais, Delfim Santos, que foi professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e uma das mais destacadas figuras do pensamento português.

Natural do Porto, onde se formou em Ciências Histórico-Filosóficas e onde modelou o seu carácter pela via de responsabilidades bem cedo assumidas, dolorosos choques que ainda jovem o magoaram, pela sugestão de trabalho e de esforço que recebeu, foi a muitos lugares aprender, percorreu o mundo para conhecer melhor, alongou os seus passos a fim de satisfazer, o mais possível, o anseio de ciência, de informação e de verdade. Tal era o cuidado no saber fundamentado e certo que estudou o que entendia necessário ao seu trabalho: desde a matemática à teosofia, da grafologia à magia, da filologia às quatro ou cinco línguas estrangeiras que falava correntemente. E nas suas demoradas permanências em Inglaterra, na Itália, na Áustria, na Alemanha, ao profundo trabalho de informação e de consulta aliou o estudo com professores e filósofos dos mais consagrados.

Heidegger, Hartmann, Husserl, Spranger, Heisenberg, Moore foram direta ou indiretamente seus mestres e um deles, Hartmann, convidou-o mesmo para a Universidade de Berlim, ponto cimeiro da difícil organização universitária alemã.

Educador por vocação, no mais elevado significado da palavra, dedicou ao ensino em Portugal o melhor da sua vida e capacidade. Nem sempre compreendido nos seus propósitos e hostilizado às vezes, deixou, todavia, largo rasto de claridade humana e simpatia, exercendo forte influência nas sucessivas gerações que ensinou e em parte da reforma da educação.

Quería no aluno a alma branca, solta o mais possível de limitações de um saber obscuro, para no custoso e gostoso esforço de observação, interrogação e estudo ir ao encontro da realidade procurada, do vislumbre de verdade que todo o homem deve desejar. Sabia, como poucos, libertar de sombras a consciência imatura, traçar as linhas de luz que vencem o transitório ou aparente para fazer surgir, no horizonte fluídico do conhecimento, a existência em pureza de sentido e origem. O rigor quase geométrico do raciocínio e da análise, servido por uma sabedoria muito vasta e



www.delfimsantos.org

profunda, a exposição nítida e simples, a própria simpatia do trato e da pessoa faziam da sua comunicação alguma coisa de aliciante pela claridade e de fácil pela transparência.

Considerava ele que *«a filosofia não é uma atividade descuidada que caminha, amando a vida, sem saber para onde vai. A filosofia não é apenas **amiga do saber**, ela é igualmente saber, e o grau de profundidade deste saber pretende ser maior do que o conseguido por intermédio de outras formas de conhecimento»*.

A profundidade de saber para além das fronteiras de outras formas e disciplinas foi em verdade o que atraiu e comandou a sua existência. Uma grande apetência de viver denunciava-se em muitos dos seus passos, com uma ânsia de claridade, de liberdade e domínio do pensamento. Possivelmente um tímido por introspeção e conhecimento das suas fraquezas, era levado, por vezes, a aturdir-se na aventura como interrogação ainda da inteligência e dos sentidos — em busca do planalto visionado, mas não atingido. Para tranquilidade relativa, para o mínimo de segurança raramente alcançado não repeliu um logicismo determinante de uma técnica absorvente, dominadora e condutora. No fundo uma natureza ansiosa, perplexa e incerta, com forte percepção e sentido da tragédia, de resto experimentada em horas negras da sua vida e encarada com dolorosa calma na aceitação de uma injustiça do destino. Isso não reduzia a capacidade de simpatia humana, nem alterava a tendência para mitificação da amizade ou do ódio. A formação pessoal de Delfim Santos, por seu natural aberto à vida e à consideração dos seus valores, deve tê-lo encaminhado para uma conceção da filosofia e dos seus problemas que o não afastam daquele *«esforço socrático-platónico tendente a evidenciar a natureza ontológica do conhecimento, quer no plano ideal, quer no plano real»*, nem da tentativa de Husserl *«de dar à filosofia o carácter de ciência exata»*, mas livre, sempre livre da restrição científica ao voo do pensamento, conquanto integrado na disciplina inerente à própria vida e nela imanente.

Posição existencial, recetiva e atuante, avessa a monismos, buscando a resposta à interrogação permanente com a certeza única de a não obter em plenitude.

Heidegger, talvez o mais chegado à sua maneira de pensar, figura-se companheiro da longa, áspera, maravilhosa, infindável jornada da interrogação e da descoberta. O logicismo dos últimos tempos não seria eventualmente mais do que a reação contra a insegurança da sua posição, numa tentativa para dar estabilidade, mesmo formal e aparente a essa posição. Para além dela, o homem amante da vida, ansioso de compreender e desvendar, receoso e audaz, magoado e desejoso de crença, aceitando o destino com amarga e orgulhosa recetividade, tendo para si, como dizia citando alguém, *«que devemos viver hoje como se morrêssemos amanhã»*.

Antero de Miranda Mendes